

HISTÓRIA DO ESPORTE NO SERTÃO BRASILEIRO: MEMÓRIA, PODER E ESQUECIMENTO¹

HISTORIA DE LOS DEPORTES EN EL SERTÃO BRASILEÑO: MEMORIA, PODER Y OLVIDO

HISTORY OF SPORTS IN THE BRAZILIAN SERTÃO: MEMORY, POWER AND OBLIVION

Cleber Dias

Universidade Federal de Goiás, Brasil

cag.dias@bol.com.br

Resumo:

A historiografia brasileira do esporte tem crescido bastante nos últimos anos. Nesse processo, chama atenção a ausência quase absoluta de quaisquer reflexões sistemáticas sobre a história do esporte em determinadas regiões do país, que tem, sabidamente, dimensões continentais. Nota-se, particularmente, a ausência de trabalhos sobre um amplo e geograficamente impreciso território chamado sertão ou hinterland. A partir do estudo da história do esporte em Goiás, este trabalho, então, reflete sobre os efeitos teóricos e historiográficos dessa lacuna.

Palavras-Chave: esporte; história; Goiás; Brasil.

Resumen:

La historiografía brasileña del deporte ha crecido considerablemente en los últimos años. En este proceso, llama atención la ausencia casi completa de estudios sistemáticos sobre la historia del deporte en algunas regiones del país, que es conocido por ser de dimensiones continentales. Tenga en cuenta, particularmente, la ausencia de trabajos acerca de un territorio amplio y geográficamente impreciso llamado “*sertão*” o “*hinterland*”. A partir del estudio de la historia del deporte en Goiás, este trabajo reflexiona sobre los efectos de esta brecha teórica e historiográfica.

Palabras clave: deporte; historia; Goiás; Brasil.

Abstract:

The Brazilian historiography of the sport has grown considerably in recent years. In this process, calls attention the almost complete absence of any systematic reflections about the sport history of some regions of the country, which is known to be of continental dimensions. Note, particularly, the absence of works regarding of a broad and geographically inaccurate territory called “*sertão*” or *hinterland*. From the study of the history of sport in Goiás, this paper reflects about the effects this theoretical and historiographical gap.

Keywords: sport; history; Goiás; Brazil.

¹ Esse estudo contou com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do Ministério de Ciência e Tecnologia; e do Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer (Rede Cedes), do Ministério do Esporte.

Introdução

Teorias sociais contemporâneas vêm destacando que as formas de dominação e hierarquização social dizem respeito também a mecanismos simbólicos e culturais.² Em outras palavras, os modos de perceber e avaliar diferentes culturas ou diferentes manifestações no interior de uma mesma cultura concorrem decisivamente para a constituição de relações de desigualdade. No Brasil, além da assimetria entre diferentes grupos e classes, têm-se também profundas disparidades regionais, com implicações diretas sobre a capacidade de cada região preservar e divulgar sua própria memória. As possibilidades ou impossibilidades de lembrar-se do passado, por outro lado, influenciam o quadro geral de desequilíbrio regional, pois o modo de constituição de memórias históricas de cada uma das regiões que compõem o Brasil, país de dimensões continentais e grande diversidade cultural, é mais um elemento que, no mínimo, reforça essa estrutura de má distribuição. A memória, afinal, é também um “veículo primário para a distribuição e uso do poder”, conforme formulou Munslow.³ Não é por acaso que a pobreza material, não raro, coincide com o “esquecimento” da história.

Desde a década de 1960, com o advento da chamada “história vista de baixo”, a historiografia tem se ocupado de chamar atenção para os inúmeros pontos de vista possíveis para as narrativas históricas.⁴ Mais recentemente, com as teorias pós-coloniais e os *subaltern studies*, parte do princípio dessas reflexões vêm sendo aplicada não apenas às cisões de classe, mas também àquelas ligadas a etnia, ao gênero e até a nacionalidade. A memória cultural, nesse sentido, é tida como o resultado de uma luta política entre diversos grupos pela imposição de padrões de comportamento que serão então tomados como os modos mais legítimos de se recordar do passado. Assim, o fato de certos acontecimentos serem mais lembrados ou terem mais visibilidade que outros, deixa de ser apreendido como resultado de uma possível capacidade inata aos próprios fatos, apresentando-se, de outra forma, como o resultado de complexas operações históricas, políticas e sociais, que pouco a pouco vão afirmando a capacidade de certos grupos, em detrimento da suposta incapacidade de outros. Nesse contexto, a reconstituição histórica da memória de grupos, setores ou regiões em condições de subalternidade é mais um elemento dessa rede de relação entre história, memória e poder.

Narrativas históricas nacionais, nesse sentido, aparecem como o resultado de um conjunto mais ou menos arbitrário de reduções e generalizações, onde práticas e imaginários de determinados grupos específicos, de regiões específicas, se apresentarão como representações válidas para toda a nação. Segundo Ianni:

“Apenas na aparência a cultura vigente na sociedade brasileira é “uma” cultura. O que parece ser “uma cultura brasileira” é um complexo de modos de viver e trabalhar, sentir e agir, pensar e falar que não se organizam em algo único, homogêneo, integrado, transparente [...] Há produções culturais que surgem desde logo como nacionais, ou transformam-se em nacionais. Independente de estarem vinculadas à cultura dominante ou subalterna, são incorporadas por muitos, a grande maioria ou mesmo todos [...] Em muitos casos, no entanto, as produções culturais tendem a expressar a visão do mundo de determinados grupos ou classes”.⁵

O relativo sucesso na construção desta comunidade imaginada, entretanto, não apagou as tensões e complexidades da relação entre o local e o nacional. No Brasil, como bem anotou Norberto Luiz Guarinello, “o corpo da nação não é homogêneo”.⁶

² BOURDIEU, P. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre / São Paulo: Zouk / EDUSP, 2007; WILLIAMS, R. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

³ MUNSLOW, A. *Desconstruindo a história*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p. 25.

⁴ SHARPE, H. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 39-62.

⁵ IANNI, O. *A idéia de Brasil moderno*. 3 reimp. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 143-148.

⁶ GUARINELO, N. L. Balanço geral. In: JANCSÓ, I. (org.). *Brasil: formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec / Unijuí / Fapesp, 2003, p. 699.

Mas em que pese o reconhecimento da heterogeneidade cultural e histórica da nação, acontecimentos desdobrados no contexto da vida de determinadas regiões, tendem ainda a monopolizar as representações simbólicas em torno do ideário e da história “nacional”. É claramente esse o caso da história do esporte. Para Gilmar Mascarenhas:

“A historiografia do futebol brasileiro apresenta imensas lacunas no que diz respeito ao processo de introdução e difusão espacial deste esporte. A escassa literatura acadêmica concentra suas atenções no eixo metropolitano Rio-São Paulo, alimentando um estado de ignorância acerca do passado histórico futebolístico na maior parte do imenso território brasileiro”.⁷

De fato, na historiografia do futebol brasileiro são poucas as referências que não às regiões Sul e Sudeste, sobretudo as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre. Tudo se passa como se apenas essas regiões tivessem importância histórica para o desenvolvimento do futebol no país, tal o nível da invisibilidade das outras. Para além do futebol, poderíamos dizer que é esse também o caso das práticas esportivas em geral. Cesar Torres (2009), analisando a historiografia sul-americana sobre esportes detectou a sub-representação de determinadas práticas, grupos e regiões. Segundo ele, o futebol, grupos de elite ou regiões metropolitanas tem recebido “ampla atenção acadêmica”. Em contrapartida, outras práticas esportivas que não o futebol, bem como o envolvimento de grupos étnicos minoritários com o esporte, além de amplas e importantes regiões geográficas tem sido marginalmente estudados ou às vezes até mesmo totalmente negligenciadas.

Além de ausente ou sub-representada na literatura especializada, a história do esporte nas regiões mais pobres e afastadas dos centros de poder político e econômico, tende a reproduzir uma estrutura narrativa presente na historiografia brasileira, de modo geral. Trata-se do ponto de vista que reforça a suposta centralidade e influência dos acontecimentos das maiores cidades brasileiras, nomeadamente do Rio de Janeiro e de São Paulo, sobre as demais regiões do país. Evaldo Cabral de Mello, historiador de Pernambuco, tem sido um dos que critica duramente a centralidade atribuída ao Rio de Janeiro na avaliação dos destinos da nação. Cabral de Mello fala de um “narcisismo carioca” e de uma “tradição saquarema da historiografia brasileira, para a qual tudo o que acontece no Brasil é através do Rio, graças ao Rio e pelo Rio”.⁸

Nesse contexto, o propósito desse trabalho é analisar a história do esporte em Goiás nos momentos iniciais da sua organização, nas primeiras décadas do século XX. Localizado no Centro-Oeste brasileiro, Goiás, compunha e de certo modo compõe ainda o chamado “sertão”, uma ampla e imprecisa região, de fronteira móvel, afastada do litoral e historicamente marcada pelo signo do atraso, do arcaísmo e do subdesenvolvimento.⁹ O desenvolvimento histórico do esporte nessa região, contraria, de certo modo, parte das teorias costumeiramente adotadas para a explicação do surgimento dos esportes, que supõe uma difusão unidirecional dos centros para as periferias. Em Goiás, grupos e cidades supostamente “isolados” e “atrasados” também conheceram a presença dessas práticas, tal como acontecia nas maiores cidades da época, ainda que depois delas e ainda que dentro de um contexto cultural particular, isto é, diferente do que se imagina ser o padrão de desenvolvimento histórico para o esporte. A questão não é que esportes estivessem propriamente ausentes do cenário cultural de Goiás, mas sim que seu desenvolvimento tenha se dado de maneira peculiar, em razão das próprias circunstâncias locais e especificidades sociais da região. São essas especificidades, justamente, o que deve ser objeto

⁷ MASCARENHAS, G. A via platina da introdução do futebol no Rio Grande do Sul. *Lecturas*, Buenos Aires, año 5, n. 26, oct. 2000. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em 12 jan. 2012.

⁸ MELLO, E. C. de. A festa da espoliação. *Jornal do Commercio*, Pernambuco, 22 de janeiro de 2008 *apud.*, CARVALHO, J. M. de. D. João e as histórias dos Brasis. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol.28, n. 56, p. 551-572, 2008, p. 557. Para uma crítica desta visão relacionada à historiografia brasileira dos esportes, especificamente, ver DIAS, C. Vaca longa: repensando a historiografia brasileira do esporte a partir do surfe na Bahia. *Recorde*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 2, 2011.

⁹ LIMA, N. T. Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol.5, suppl., p. 163-193, 1998.

de atenção do historiador. Ao invés de preencher lacunas da historiografia brasileira do esporte através de suposições teóricas, debruçar-se sobre o estudo do desenvolvimento histórico dessas práticas em regiões sub-representadas ou até mesmo ausentes da literatura especializada é agora desejável, se não indispensável. Contribuir para o início desse trabalho é o propósito desse trabalho.

Estudo histórico do esporte em regiões periféricas

Fundamentos teóricos que geralmente orientam os estudos históricos sobre o esporte são um dos fatores responsáveis pela sub-representação de regiões como às do Centro-Oeste neste ramo especializado da historiografia brasileira. Convencionalmente, o desenvolvimento histórico do esporte vem sendo teoricamente associado a um quadro geral de modernização, onde a modernidade, nesses casos, aparece definida de maneira excessivamente restrita. Richard Holt referiu-se a este estado de coisas nos estudos históricos do esporte como “modelo de modernização simplista e não problemática”.¹⁰ Mais recentemente, Colin Howell e Daryl Leeworthy, também criticaram as teorias modernizadoras sobre o esporte, acusando-as de conceber um processo de difusão em que as práticas esportivas aparecem se irradiando de regiões “mais desenvolvidas” em direção às “menos desenvolvidas”. Os autores chamam esse esquema explicativo de “metropolitanismo” ou “falácia metropolitana”. Através de uma análise comparada do baseball na fronteira do Canadá e do futebol no País de Gales, Howell e Leeworthy tentaram destacar o caráter complexo, multi-direcional e dialético entre o interior e os centros metropolitanos no processo de desenvolvimento dos esportes, onde regiões de periferia não são apenas unidades passivas e subservientes às influências dos centros. Nas palavras dos autores:

“Inadvertidamente, o metropolitanismo permanece no próprio âmago da história moderna. Reminiscência do modelo de modernização, em que comunidades locais e regionais e suas práticas (incluindo esportes) são absorvidas em práticas cívicas e no sistema nacional mais altamente organizado, o metropolitanismo foi uma ideologia conectada a imaginação e legitimação dos Estados nacionais. Muitos historiadores do esporte têm compartilhado esta preocupação com a modernização, assumindo que foram nos centros metropolitanos que as culturas esportivas foram forjadas e difundidas, resultando em identidades nacionais”.¹¹

Um dos resultados dessas formas de abordagem teórica do esporte é a busca por um conjunto de relações de semelhança e dessemelhança, que faz com que as análises restrinjam-se a uma gramática comparativa que toma, arbitrariamente, determinadas formas de desenvolvimento do esporte como padrão. Assim, termina-se por privilegiar formas assumidas pelos esportes em determinadas regiões, em detrimento de outras, na medida em que o advento de quaisquer práticas culturais tende a assumir especificidades de acordo com o contexto e com as circunstâncias na qual elas florescem e/ou se desenvolvem. Nesses termos, práticas “regionais”, já opostas, por princípio, às experiências “nacionais”, só têm existência histórica na medida mesmo em que se tornam capazes de desenvolver modelos de conduta e comportamento semelhantes àqueles das práticas “nacionais”. De acordo com esses enquadramentos, práticas modernas só podem existir historicamente no momento em que se conformarem ao modelo-padrão desenvolvido nos centros capitalistas desenvolvidos. Qualquer diferença ou peculiaridade tende a ser visto como desvio, inautenticidade ou até mesmo inexistência, comprometendo a possibilidade de reconhecimento pleno de práticas modernas nessas situações.

No caso do esporte, a crença numa matriz cultural unívoca para a modernidade, implica a necessidade de se adotar práticas desenvolvidas pelos *sportmen* dos grandes centros como

¹⁰ HOLT, R. *Sport and the British: a modern history*. Oxford: Clarendon, 1992.

¹¹ HOWELL, C.; LEEWORTHY, D. Borderlands. In POPE, S. W; NAURIGHT, J. (eds.). *Routledge companion to sports history*. New York: Routledge, 2009, p. 71.

padrão de medida através do qual práticas de outros locais serão avaliadas. Antes que práticas “locais” ou “regionais” assumam formas semelhantes às dos “grandes centros desenvolvidos”, ter-se-iam apenas práticas “desorganizadas”, “quase-esportivas”, “antecedentes”, “germens”, no limite, “não-esportes”.

A reprodução de uma lógica de relação centro-periferia entre a “nação” e as “regiões” atualiza distinções binárias que estabelecem hierarquias, segundo as quais cabe àquela parte que se auto-representa como “centro” ou “nação” definir o sentido do que será representado como “periferia” ou “região”. No Brasil, ao centro litorâneo, “nacional”, cabe, portanto, o papel de civilizado, desenvolvido e, no limite, superior. À periferia sertaneja, “regional”, ao contrário, cabe o papel de selvagem, primitivo, atrasado e, no limite, inferior. Reservadas às devidas proporções, trata-se de uma estrutura discursiva análoga àquela em que se opõe Ocidente e Oriente, Primeiro e Terceiro Mundo, enfim, a Europa e o Resto, só que reduzidos às fronteiras nacionais.¹²

De certo modo, tudo isso concorre e se alinha com a revisão historiográfica atualmente em curso, que tem questionado a imagem da vida social em situações periféricas como um “deserto cultural”. Ao invés da implícita idéia de subserviência e passividade dos atores sociais dessa região, tem se destacado a dimensão constitutiva e não meramente aditiva das periferias com relação aos centros. Nesses termos, esforços para entender melhor determinadas regiões do Brasil, constituem-se, em última instância, em esforços para entender mais e melhor o próprio Brasil.

O estudo da história regional, diferente do que o nome pode sugerir de início, não está confinado à região em si mesma. Ao contrário, a compreensão de aspectos da vida de uma região, em particular, depende, sobremaneira, de abordagens comparativas mais gerais, às vezes, inclusive, transnacionais, dado que atores atuantes nessas regiões tem também vínculos com contextos e instituições internacionais, como era o caso, por exemplo, de muitos religiosos que influenciaram os esportes em Goiás. Além disso, relações diversas com outras regiões do mesmo país também influenciam os rumos do desenvolvimento histórico de uma região específica. No caso de Goiás, a disseminação de esportes, sobretudo o futebol, foi intermediada por diferentes atores a partir de diferentes lugares. Na região norte, onde atualmente se localiza o estado do Tocantins (separado de Goiás em 1988), parece ter sido considerável o papel de jovens goianos que iam estudar na Bahia, onde aprendiam as novas práticas¹³, ou então de comerciantes e trabalhadores do Pará e do Maranhão, onde já se praticavam esportes desde fins do século XIX.¹⁴ No sudoeste goiano, notadamente na cidade de Catalão, transformações articuladas a construção de linhas de trem que partiam de Minas Gerais (nomeadamente da região do Triângulo Mineiro) foram influentes na re-organização dos divertimentos da região. Ao que parece, ao menos desde 1913 já se realizavam partidas de futebol em Catalão.¹⁵ Desde então, equipes esportivas da cidade desenvolveram fortes relações – tanto de rivalidade, quanto de cooperação – com equipes das cidades vizinhas de Minas Gerais, sobretudo Uberaba e Araguari.

A região e o local, em suma, só se dão a ver adequadamente em suas especificidades a partir dos contrastes com o nacional e o global. “Em todo e qualquer caso”, afirma Rafael nesse sentido, “o regional só aparece comparativamente: verticalmente, relacionado ao que procura mantê-la e incluía-a, como o Império, o Estado-Nação ou a Metrópole; e horizontalmente numa

¹² Para críticas a esses binarismos, ver COSTA, S. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 21, n. 60, p. 117-133, Fev. 2006; MCLENNAN, G. Sociology, eurocentrism, and postcolonial theory. *European Journal for Social Theory*, vol. 6, n. 1, p. 69-86, 2003; SAID, E. W. *Orientalismo: Oriente como invenção do Ocidente*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹³ REBELLO, P. X. *Usos e costumes de Goiás: estudos e interpretação de 1900-1980*. Goiânia: Gráfica e Editora Líder, 1987.

¹⁴ PEREIRA, L. A. de M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000; MARTINS, D. *Esporte - um mergulho no tempo*. São Luís: SIOGE, 1989.

¹⁵ RAMOS, C. *Catalão de ontem e de hoje: curiosos fragmentos de nossa história*. Catalão: Kalil, 1984.

relação de complementaridade e conflito com outras regiões”.¹⁶ Nesse sentido, interessa, antes de tudo, situar o desenvolvimento do esporte em Goiás no contexto do próprio desenvolvimento do esporte no Brasil, de maneira geral.

História do esporte em Goiás

O desenvolvimento histórico do esporte no Brasil está cronologicamente situado ao longo da segunda metade do século XIX, aproximadamente. Nessa época, clubes foram inaugurados, federações foram fundadas e um grande número de competições passou a ser realizado.¹⁷ Novas concepções de uso do corpo progressivamente orientaram práticas e pedagogias. Geralmente, esse processo se fez acompanhar por um conjunto de outras transformações mais amplas, nas quais os esportes tomam parte. Basicamente, os esportes se integram e se articulam a edificação de um ideário de progresso urbanístico e modernização dos costumes.

Entre as décadas finais do século XIX e os anos iniciais do século XX, as populações de muitas cidades brasileiras viviam já uma nova experiência urbana, marcada por ideais de velocidade, dinamismo e inovação, o que fazia do esporte uma prática simbolicamente atraente. Em São Paulo, a partir de 1875, já se tem notícias da fundação de espaços como o Clube de Corrida Paulistano, o São Paulo Athletic Clube, o rink de patinação e o Velódromo Paulistano.¹⁸ Em Minas Gerais, entre 1895 e 1898, engenheiros da “Comissão Construtora da Nova Capital”, Belo Horizonte, já criavam instituições como *Club Sportivo* e o *Velo Club*, dedicadas a introduzir e incentivar, respectivamente, corridas de cavalo e o ciclismo entre a população local.¹⁹ Em Porto Alegre, o início das discussões sobre planos e medidas para embelezar e modernizar a cidade foi logo acompanhado por iniciativas como a realização de competições de remo e natação no Rio Guaíba a partir de 1888.²⁰ Dinâmicas semelhantes e nessa mesma época tiveram lugar em Salvador, Aracaju, Recife, Natal, Rio de Janeiro e Belém do Pará.²¹

O que a historiografia brasileira sobre o esporte não tem se ocupado é em procurar saber como teria se dado este processo em outras regiões que não aquelas economicamente mais desenvolvidas e populosas, isto é, que não aquelas mais próximas ao litoral. A população dessas regiões teria ficado à margem dessas transformações comportamentais? Regiões como Goiás não teriam experimentado também uma nova excitabilidade urbana ligada a este costume moderno chamado “*sport*”?

Desde o período Monárquico, a integração do Brasil Central era debatida pelas elites como uma espécie de “problema”. Constantemente, falava-se do quase total desconhecimento da região, das distâncias, das dificuldades de acesso, da inanição econômica ou da natural ociosidade e espírito pouco industrioso dos homens do sertão.²² Dentro dessas representações, Goiás desenvolve-se, desde essa época, sob o signo do atraso e do isolamento. Não por acaso, intelectuais, artistas, políticos e outros membros da elite local desenvolveram grande preocupação em inverter o modo de representação da região diante do resto do Brasil. Em 1917,

¹⁶ RAFAEL, V. L. Regionalism, Area Studies, and the Accidents of Agency. *American Historical Review*, vol. 104, n. 4, p. 1208-1220, oct. 1999, p. 1208.

¹⁷ MELO, V. *Cidadesportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará / Faperj, 2001.

¹⁸ FRANZINI, F. Esporte, cidade e modernidade: São Paulo. In: MELO, V. (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri / Faperj, 2010, p. 49-70.

¹⁹ RODRIGUES, M. A. A. Esporte, cidade e modernidade: Belo Horizonte. In: MELO, V. (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri / Faperj, 2010, p. 97-130.

²⁰ GOELNER, S. e MAZO, J. Esporte, cidade e modernidade: Porto Alegre. In: MELO, V. (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri / Faperj, 2010, p. 168-192.

²¹ c.f. MELO, V. (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri / Faperj, 2010.

²² Garcia, *op. cit.*

como resultado dessas preocupações, foi lançada, no Rio de Janeiro, a revista *A informação goyana*, “revista mensal, ilustrada e informativa das possibilidades econômicas do Brasil Central”. A iniciativa, segundo o editorial do primeiro número da publicação, justificava-se, justamente, “pela própria necessidade que havia de um órgão informativo e de propaganda das incomparáveis riquezas nativas do interland brasileiro – essa vastíssima região quase desconhecida sob todos os seus aspectos”.²³ No mesmo sentido, em 1927, um grupo de goianos radicados no Rio de Janeiro se articulou para a criação do que eles chamaram “Centro Goyano”, espaço social destinado a congregar os conterrâneos residentes na capital federal, além de visar, “especialmente”, diziam as notícias, “à propaganda de Goyaz”.²⁴

Mais recentemente, a historiografia sobre Goiás continua debatendo sob vários pontos de vista a questão do verdadeiro nível do “atraso” da região. Nasr Chaul (2010), estudando relatos de viajantes e trabalhos de outros historiadores, concluiu que a aplicação da noção de decadência à Goiás é uma espécie de estigma construído; legado de viajantes estrangeiros que registraram suas impressões de Goiás sob “olhos embotados pela realidade européia”. Chaul tenta demonstrar como na sociedade goiana sempre existira “muito mais de vida e vigor do que as interpretações sobre a decadência indicam”.²⁵ Por outro lado, trabalhos como os de Sonia Maria de Magalhães, sobre a saúde e a alimentação em Goiás no século XIX, têm destacado um cenário bem menos dinâmico. Segundo ela, “a escassez, a carestia e por vezes a fome declarada afligiram cronicamente aquela sociedade”.²⁶ Interpretações como as do brasilianista David McCreery, reforçam as conclusões de que o desenvolvimento geral de Goiás era lento, senão estagnado. Para McCreery, “se por indústria se está significando a produção de bens auxiliada por força não-animal, Goiás começou e terminou o século XIX na mais completa simplicidade [innocence]”.²⁷

Ao menos desde os fins do século XIX, os relatórios dos presidentes de Província expressam uma preocupação constante com a salubridade goiana, bem como com a falta de recursos financeiros e outras dificuldades de toda ordem.²⁸ Com efeito, Goiás esteve, de fato, bastante isolado geograficamente. A comunicação com outras regiões não era rápida, tampouco fácil. Em verdade, a viagem até Goiás era tortuosa e demorada. Em 1822, as notícias sobre a Independência levaram mais de três meses para chegar ali. Ao longo de todo o século XIX, políticos de Goiás protestaram reiteradamente contra a falta de recursos para o aprimoramento dos sistemas de transporte e comunicação, que eles mesmos identificavam como os principais responsáveis pelas dificuldades econômicas pelas quais passava constantemente a região. O quadro não se alterou significativamente com a Proclamação da República (1889). No início da década de 1920, o senador goiano Olegário Pinto registrou, em protesto, a falta de apoio do governo federal à Goiás, onde gêneros dos mais diversos ainda eram importados do Rio de Janeiro e de São Paulo nas costas de animais ou em carros de bois.²⁹

Toda essa situação, obviamente, condicionava o florescimento de práticas esportivas na região. Em diversos locais, o desenvolvimento histórico dos esportes esteve atrelado ao crescimento urbano, com suas inevitáveis inter-relações com a esfera econômica, mas também com o contingente populacional crescente. Segundo a famosa tese de Steven Riess, a evolução das cidades foi um dos principais fatores a influenciar, talvez mais que qualquer outro, segundo ele, o desenvolvimento dos esportes. Para Riess, áreas urbanas ofereceram um conjunto de condições propícias a este processo, entre as quais, uma grande e concentrada massa

²³ “A Informação Goyana”, *A Informação Goyana*, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1917, vol. I, n. 1, p. 1.

²⁴ Centro Goyano, *Voz do Povo*, Goyaz, 16 de setembro de 1927, n. 13, p. 3.

²⁵ CHAUL, N. F. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. 2 ed. Goiânia: Ed. da UFG, 2010, p. 17

²⁶ MAGALHÃES, S. M. de. Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara: assistência e saúde em Goiás ao longo do século XIX. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 3, p. 661-83, set.-dez. 2004, p. 680.

²⁷ McCREERY, D. *Frontier Goiás, 1822-1889*. Califórnia: Stanford University Press, 2006, p. 79.

²⁸ Garcia, op. cit.

²⁹ *Ibid.*

populacional para jogar, assistir e consumir o espetáculo esportivo e os produtos a ele relacionados.³⁰

A dinâmica urbana de Goiás ao longo de todo o século XIX, no entanto, era significativamente mais que lenta que outras regiões do Brasil, como vimos. Embora a população da região tenha aumentado progressivamente nesse período, a grande extensão do território imprimia-lhe uma densidade abaixo ao de outros estados. De acordo com as melhores estimativas disponíveis, a população de Goiás era de aproximadamente 150 mil almas em 1830, número que era de aproximadamente 591 mil no Rio de Janeiro, 602 mil em Pernambuco, 560 mil na Bahia e 930 mil em Minas Gerais. Entre 1854 e 1872, a população de Goiás inclusive decresceu, passando de 180 mil em 1854, para 160 mil em 1872. Nessa época, a título de comparação, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia já ultrapassavam a contagem de um milhão de habitantes.³¹ Em Goiás, apenas a partir de 1909, com o início da construção de estradas de ferro, novo ritmo de crescimento seria experimentado pela região.³²

Nada disso, contudo, quer dizer que não havia práticas esportivas em Goiás. Entre os anos de 1907 e 1908, já aconteciam *matches* de *football* no Largo do Chafariz, na cidade de Goiás, capital do estado à época. Segundo memórias de Ofélia Socrates do Nascimento Monteiro, “em 1908 o ministro protestante Archie Macintire [sic], amante de esportes, tomou direção dos jogos, disciplinou-os, incentivou-os”.³³ Memórias de Albatênio de Godoi, por seu turno, reiteram a informação. Segundo este, as primeiras partidas de futebol na cidade de Goiás teriam se realizado por volta de 1908, por incentivo ou iniciativa de Archie Macintyre, missionário inglês da *Evangelical Union South América*, que trabalhou, nessa época, entre os índios Karajá nas imediações do rio Araguaia, em partidas que contavam, principalmente, com a participação de estudantes do *Lyceu de Goiás*.³⁴

De acordo com Genesco Bretas, nessa época, o *Lyceu* desempenhava grande influência sobre a vida e as sociabilidades públicas da cidade de Goiás. Segundo Bretas, “a vida do Liceu era a vida da cidade”.³⁵ As circunstâncias históricas da época eram favoráveis a esta influência pública da escola. Entre o final do século XIX e o início do século XX cresceu a preocupação de parte das elites políticas com a educação brasileira. Um ano após a Proclamação da República, o novo governo anunciou ampla reforma nos modelos curriculares das escolas de todo o Brasil (Reforma Benjamin Constant). Objetivamente, buscava-se materializar, na educação, orientações filosóficas inspiradas no positivismo. Em Goiás, nota-se maior preocupação com a educação depois de 1901, quando José Xavier de Almeida elegeu-se presidente de Goiás, iniciando um conjunto de ações que visavam modernizar a vida no Estado. A nova ambiência seria favorável, não só às reformas educacionais, mas também a transformações relacionadas à medicina e a higiene. Nesse contexto, esportes, exercícios e algumas outras práticas e comportamentos ligados a uma nova sociabilidade pública, mais moderna, encontrariam crescente acolhida em Goiás.

Comparado a cidades mais populosas e economicamente mais dinâmicas, como Rio de Janeiro e São Paulo, os costumes esportivos de Goiás e outras cidades do *hinterland* brasileiro parecem excessivamente tímidos, como em certa medida de fato eram. Por volta de 1907, momento em que se registram as primeiras iniciativas para promoção do futebol em Goiás, cidades como o Rio de Janeiro, com uma população que já superava os 800 mil habitantes, contavam mais de 40 equipes, espalhadas por diferentes bairros e envolvendo diferentes setores.³⁶ No entanto, de outro ponto de vista, não é a ausência de esportes o que salta os olhos, mas justamente o contrário. O que surpreende é mesmo a perseverança e até a obstinação com

³⁰ RIESS, S. *City games: the evolution of American urban society and the rise of sports*. Chicago: University of Illinois Press, 1989.

³¹ MARCÍLIO, M. L.. Crescimento da população brasileira até 1872. *Cadernos Cebrap*, São Paulo, n. 16, p. 2-26, 1973.

³² BORGES, B. G. *O despertar dos dormentes: estudo sobre a Estrada de Ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais, 1909-1922*. Goiânia: Cegraf, 1990.

³³ MONTEIRO, O. S. do N. *Remiscências: Goiás d'antanho, 1907-1911*. Goiânia: Oriente, 1974, p. 81.

³⁴ GODOI, A. *Do meu tempo*. Goiânia: Imprensa da UFG, 1969.

³⁵ BRETAS, G. F. *História da Instrução Pública de Goiás*. Goiânia: Cegraf / UFG, 1991, p. 483.

³⁶ Pereira, *op. cit.*

que algumas pessoas se engajaram com a prática esportiva em Goiás, apesar dos obstáculos e adversidades.

A partir da década de 1920, quando se intensifica o desenvolvimento esportivo na região, sobretudo por causa do futebol, que nessa época começa a se tornar um costume amplamente disseminado em todo o Brasil, equipes de diferentes cidades de Goiás combinavam partidas entre si, enfrentando viagens às vezes difíceis e demoradas. Desde o final daquela década, registravam-se já viagens de equipes de futebol por Goiás, visando confrontar-se com adversários de outras cidades. Eram as chamadas “caravanas esportivas”. Com o tempo, tais iniciativas foram atraindo público cada vez maior. Em 1931, por exemplo, equipe da cidade de Anápolis percorreu mais de 200 quilômetros por estradas sem boas condições de rodagem para realizar uma partida contra uma equipe da cidade de Goiás. O jogo entre o *Anápolis Sport Clube* e a *Associação Atlético União Goyana*, “arrastou verdadeira multidão, ávida por assistir um sensacional embate”.³⁷ Segundo notícias divulgadas pelo jornal *Voz do Povo*, a partida foi “estupenda”, “movimentada” e “cheia de lances emocionantes”, com uma “concorrência extraordinária, deixando agradabilíssima impressão”.³⁸

Nessa época, a vinculação simbólica entre a retórica do progresso e a do esporte foi um dos principais elementos a tornar possível, ao menos do ponto de vista das elites sociais de Goiás, esforços mais sistemáticos para difusão dessas práticas. Em 1927, o correspondente do jornal *Voz do Povo*, enviava através de um telegrama notícias sobre um campeonato de futebol realizado no Rio de Janeiro entre vários estados brasileiros, em que Goiás não estivera representado. No contexto em que um grupo de intelectuais e lideranças políticas de Goiás tentavam edificar outra representação para a região, desvinculando-a da imagem do atraso e do subdesenvolvimento, a ausência de uma equipe goiana no campeonato era sintomático de algo que precisava ser transformado. “Até os piauienses vieram exhibir seu valor desportivo [...] como nos seria gratos aos goianos aqui residentes saudosos de Goyaz, podermos applaudir, no estádio, os nossos conterrâneos!...”. Na mesma notícia, continuava o correspondente do Rio de Janeiro:

“Em nossa terra, os desportos não existem ou têm vida muito precária. E’ verdadeira pena. Ninguém duvida mais das excellencias do atletismo, não sò para a formação da raça, como também para o aperfeiçoamento moral da mocidade [...] Realmente, precisa a juventude de derivativos em que possa exaurir o excesso de vida. O atletismo é o melhor delles: diverte o espírito e dá vigor ao corpo.

Onde não existe o desporto – seja elle qualquer – atiram-se os moços á ociosidade. E a ociosidade – os acacios já o affirmavam – gera todos os vícios. E’ o reinado do jogo, do álcool, da maledicência, de etc., em que os jovens despendem o melhor da vida”.³⁹

Em parte como resultado dessas inquietações, no início de 1930, pequeno grupo de entusiastas do esporte começava a anunciar intenções de criar em Goiás uma associação ou liga esportiva. Argumentava-se que vários clubes de Goiás tinham seu desenvolvimento dificultado “pela falta de uma entidade superior que os dirija”.⁴⁰ Outra preocupação era a criação de uma equipe de futebol em condições de representar Goiás nos campeonatos nacionais, salientando-se “a grande vantagem de se tornar a mocidade goyana conhecida em todo o Brasil”. Conforme se dizia, “num Estado como o nosso, central, e que com cidades já importantes em seu interland, haverá – e disso estamos certos – elementos capazes de nos representar galhardamente no Campeonato Brasileiro de Futebol, frente aos seus patrícios dos demais Estados”.⁴¹

Nesses termos, a idéia de uma liga ou associação esportiva logo começou a ser percebida como “uma grande necessidade que se fazia sentir”, uma “útil entidade”, “uma iniciativa feliz”, “sympathica e proveitosa missão”; algo, enfim, que viria a “contribuir de forma

³⁷ Foot-Ball, *Voz do Povo*, Goyaz, 17 de abril de 1931, n. 193, p. 2.

³⁸ Foot-Ball, *Voz do Povo*, Goyaz, 10 abril de 1931, n. 192, p. 3.

³⁹ Do Rio, *Voz do Povo*, Goyaz, 28 de outubro de 1927, n. 19, p. 1.

⁴⁰ O esporte em Goyaz, *Voz do Povo*, Goyaz, 04 de julho de 1930, n. 158, p. 3.

⁴¹ A nova entidade esportiva, *Voz do Povo*, Goyaz, 25 de julho de 1930, n. 161, p. 3.

edificante para o progresso do Estado”. A recorrente comparação contrastante com a situação de outras regiões do Brasil no que diz respeito aos esportes exprimia a clara preocupação das elites de Goiás em se fazerem representar diante do restante do país. Nesse sentido, a possibilidade de ter uma equipe goiana no campeonato nacional de futebol era uma das principais justificativas a animar os envolvidos com a criação de uma associação esportiva, apresentados, então, como representantes do espírito progressista e empreendedor do povo de Goiás.

“Sabemos, todos o sabem, o grau de desenvolvimento dos desportos, tanto terrestres como aquáticos, em todos os Estados do Norte do Brasil; mesmo nos menores. Todos elles disputam, annualmente, o Campeonato Brasileiro de Futebol, demonstrando que os seus filhos bem compreendem o valor do desenvolvimento physico. Porque só Goyaz há de permanecer na retaguarda, quando possui elementos magníficos que são penhor inilludível de Victoria?”.⁴²

A Associação Goiana de Esportes Athleticos de fato foi criada e conseguiu deflagrar uma relativa mobilização popular ao redor de sua causa: o desenvolvimento dos esportes em Goiás. Comerciantes, artistas, políticos, jornalistas, poetas e escritores se uniram para apoiar as ações da recém-criada associação. Um mutirão para a construção de um estádio em Goiás foi particularmente eficiente na mobilização dos “bons goyanos” dispostos em trabalhar pelo “progresso de Goyaz”.⁴³

Daí em diante, apesar das dificuldades⁴⁴, os esportes seriam uma realidade sempre presente no cotidiano da população de Goiás. Em 1932, figuras como o capitão do Exército Lindolfo Santos, publicavam artigos em jornais de Goiás tratando da importância da Educação Física e de outras formas de exercício físico, destacando-as como assunto que “merece, sem duvida, toda atenção dos nossos dirigentes e sobretudo dos diretores dos estabelecimentos de ensino”. Segundo ele, ausência de práticas esportivas em Goiás seria responsável pela manutenção de um estado “retrógado de todo e qualquer progresso, motivado quasi que exclusivamente pelo definhamento físico dos seus filhos, dando aos seus compatriotas e a outros povos, um triste exemplo de decadência e servidão”. Lindolfo Santos chamava atenção ao fato da educação física estar sendo “cultivada com todo esmero [...] em quasi todos os centros adiantados”.⁴⁵

Nessa época, intensificavam-se transformações do pensamento médico-higienista brasileiro, onde esportes e exercícios físicos em geral seriam tomados, cada vez mais, como instrumentos eficientes para o aprimoramento racial dos brasileiros.⁴⁶ Parte da elite social de Goiás compartilharia desse novo ideário, até como mais um recurso discursivo para promover a tão desejada integração de Goiás no quadro do progresso nacional. Ao mesmo tempo, entre o final da década de 1920 e o início da década de 1930, uma nova configuração nas forças políticas permitiria a ascensão de novas lideranças. Esse grupo, conformado a um novo ideário, imprimiu, nos anos seguintes, sobretudo depois de 1937, profundas transformações ao cenário político, econômico, social e cultural, com amplas repercussões sobre o desenvolvimento dos esportes. Tudo isso, em suma, inauguraria nova fase no desenvolvimento histórico do esporte, cujos traços gerais já escapam aos limites desse trabalho.

Referências

BOURDIEU, P. A *Distinção: critica social do julgamento*. Porto Alegre / São Paulo: Zouk / EDUSP, 2007.

⁴² Associação Goiana de Esportes Athleticos, *Voz do Povo*, Goyaz, 18 de julho de 1930, n. 160, p. 1.

⁴³ A pedra fundamental do estádio, *Voz do povo*, Goyaz, 19 de setembro de 1930, n. 169, p. 2.

⁴⁴ Um ano após sua fundação, problemas internos à Associação Goiana de Esportes Athleticos minaram parte do entusiasmo com que a instituição fora recebida inicialmente. Nessa época, falava-se já se sua suposta “nulidade”, sua “inércia” (Esporte de Evers, *Voz do Povo*, Goyaz, 08 de novembro de 1931, n. 220, p. 1).

⁴⁵ Educação Física, capitão Lindolfo Santos, *Voz do Povo*, Goyaz, 01 de maio de 1932, n. 232, p. 2.

⁴⁶ LINHALES, M. A escola e o esporte: uma história de práticas culturais. São Paulo: Vozes, 2009.

- BORGES, B. G. *O despertar dos dormentes: estudo sobre a Estrada de Ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais, 1909-1922*. Goiânia: Cegraf, 1990.
- BRETAS, G. F. *História da Instrução Pública de Goiás*. Goiânia: Cegraf / UFG, 1991.
- CARVALHO, J. M. de. D. João e as histórias dos Brasis. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol.28, n. 56, p. 551-572, 2008.
- CHAUL, N. F. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. 2 ed. Goiânia: Ed. da UFG, 2010.
- COSTA, S. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 21, n. 60, p. 117-133, Fev. 2006.
- DIAS, C. Vaca longa: repensando a historiografia brasileira do esporte a partir do surfe na Bahia. *Recorde*, vol. 4, n. 2, 2011.
- FRANZINI, F. Esporte, cidade e modernidade: São Paulo. In: MELO, V. (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri / Faperj, 2010, p. 49-70.
- GARCIA, L. F. *Goyaz: uma província do sertão*. Goiânia: Ed. da PUC GO / Cânone, 2010.
- GODOI, A. *Do meu tempo*. Goiânia: Imprensa da UFG, 1969.
- GOELNER, S. e MAZO, J. Esporte, cidade e modernidade: Porto Alegre. In: MELO, V. (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri / Faperj, 2010, p. 168-192.
- GOODY, J. *O roubo da história: como os europeus se apropriaram das idéias e invenções do Oriente*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GUARINELO, N. L. Balanço geral. In: JANCSÓ, I. (org.). *Brasil: formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec / Unijuí / Fapesp, 2003.
- HOLT, R. *Sport and the British: a modern history*. Oxford: Clarendon, 1992.
- HOWELL, C.; LEEWORTHY, D. Borderlands. In POPE, S. W; NAURIGHT, J. (eds.). *Routledge companion to sports history*. New York: Routledge, 2009, p. 71-84.
- IANNI, O. *A idéia de Brasil moderno*. 3 reimp. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- LIMA, N. T. Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol.5, suppl., p. 163-193, 1998.
- LINHALES, M. *A escola e o esporte: uma história de práticas culturais*. São Paulo: Vozes, 2009.
- MAGALHÃES, S. M. de. Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara: assistência e saúde em Goiás ao longo do século XIX. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 3, p. 661-83, set.-dez. 2004.
- MARCÍLIO, M. L.. Crescimento da população brasileira até 1872. *Cadernos Cebrap*, n. 16, p. 2-26, 1973.
- MARTINS, D. *Esporte - um mergulho no tempo*. São Luís: SIOGE, 1989.
- MASCARENHAS, G. A via platina da introdução do futebol no Rio Grande do Sul. *Lecturas*, Buenos Aires, año 5, n. 26, oct. 2000. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em 12 jan. 2012.
- McCREERY, D. *Frontier Goiás, 1822-1889*. Califórnia: Stanford University Press, 2006.
- MCLENNAN, G. Sociology, eurocentrism, and postcolonial theory. *European Journal for Social Theory*, vol. 6, n. 1, p. 69-86, 2003.
- MELLO, E. C. de. A festa da espoliação. *Jornal do Commercio*, Pernambuco, 22 de janeiro de 2008.
- MELO, V. (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri / Faperj, 2010.
- MELO, V. *Cidadesportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará / Faperj, 2001.
- MONTEIRO, O. S. do N. *Remiscências: Goiás d'antanho, 1907-1911*. Goiânia: Oriente, 1974.
- MUNSLOW, A. *Desconstruindo a história*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- PEREIRA, L. A. de M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PUTNEY, C. *Muscular Christianity: manhood and sports in Protestant America, 1880-1920*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

- RAFAEL, V. L. Regionalism, Area Studies, and the Accidents of Agency. *American Historical Review*, vol. 104, n. 4, p. 1208-1220, oct. 1999.
- RAMOS, C. *Catalão de ontem e de hoje: curiosos fragmentos de nossa história*. Catalão: Kalil, 1984.
- REBELLO, P. X. *Usos e costumes de Goiás: estudos e interpretação de 1900-1980*. Goiânia: Gráfica e Editora Líder, 1987.
- RIESS, S. *City games: the evolution of American urban society and the rise of sports*. Chicago: University of Illinois Press, 1989.
- RODRIGUES, M A. A. Esporte, cidade e modernidade: Belo Horizonte. In: MELO, V. (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri / Faperj, 2010, p. 97-130.
- SAID, E. W. *Orientalismo: Oriente como invenção do Ocidente*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SHARPE, H. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 39-62.
- SILVA, F. C. T. da. Futebol: uma paixão coletiva. In: SILVA, F. C. T. da; SANTOS, R. P. dos (Orgs.). *Memória social dos esportes – futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad / Faperj, 2006, p. 15-32.
- TORRES, C. R. South America. In: POPE, S. W; NAURIGHT, J. (eds.). *Routledge companion to sports history*. New York: Routledge, 2009, p. 553-569.
- VIANNA, F. L. B. *Boleiros do cerrado: índios xavantes e o futebol*. São Paulo: Annablume / Fapesp / ISA, 2008.
- WILLIAMS, R. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.